

SAUDANDO GUSTAVO BARROSO

Cruz Filbo

Como escritor de alçada estatura e polifórmica feição, não coube Gustavo Barroso dentro do pequeno âmbito provinciano do Ceará, sua terra natal, porquanto o seu renome de homem de letras se alongou a todo o Brasil e até a países estrangeiros, com entusiástico acatamento.

Como cearense, faz ele parte integrante da constelação dos grandes filhos deste Estado que tão preeminentemente enaltecem o nome deste trecho do território brasileiro, como sejam José de Alencar, Capistrano de Abreu, Farias Brito, Clóvis Bevilacqua, Juvenal Galeno. Araripe Júnior, Heráclito Graça, Rocha Lima, Franklin Távora, Barão de Studart, Domingos Olímpio, Oto de Alencar, Adolfo Caminha e Antônio Sales, em diversos ramos de altas atividades intelectuais.

O obra de Gustavo Barroso condensada radiosamente numa centena de livros e na sua assídua colaboração em revistas e jornais, começou por *Terra de Sol*, em que se revê “amor da pátria, não movido por prêmio vil, mas alto e quase eterno”, segundo a expressão do soberano poeta, e dali se alteou, em ascensão sempre crescente e ininterrupta, às alturas da história nacional, à literatura de ficção, ao teatro e à poesia, sem ter deixado de também descer à crônica provinciana, ao folclore e às tradições brasileiras.

Fazem-se valer ainda, em tudo isso, a diretriz segura, a expressão do espírito arguto e altaneiro do prosador, a justa interpretação dos homens e dos fatos, a amplitude dos conhecimentos revelados, o estilo fácil, brilhante e persuasivo, recursos com que desenhou, em quadros de fortes relevos artísticos, os fatos grandes e pequenos, da nossa história.

Assim o sertão nordestino, na complexidade dos seus aspectos foi por ele tratado e interpretado nas obras *Terra de Sol*, *Heróis e Bandidos* e *Almas de Lama e de Aço*, a história pátria, *O Brasil em Face do Prata*, nas *Tradição Militares*, *O Quarto Império*, na *História do Palácio Itamarati* é na *História Secreta do Brasil*; a biografia em *Osório*, o *Centauro dos Pampas* e *Tamandaré*, o *Nelson Brasileiro*; o romance e o conto, *O Santo do Brejo*, *Tição do Inferno*, *A Senhora de Pangim*, *Pergaminhos*, *A Ronda dos Séculos*, *Praias e Várzeas*, *Alma Setaneja*, *Mapirunga*, *Mula sem Cabeça*, *O Bracelete de Safiras*, *Livro dos Milagres*, *Mulheres de Paris* e alguns mais; o ensaio, em *Idéias e Palavras*, *Inteligência das Coisas*, *A Balata*, *Inscrições Primitivas no Interior do Brasil*

e *Coração da Europa*; a literatura histórica, na série das *Guerras* de Lopes, Flores, Rosas, Artigas e Vidéu e ainda no *Livro dos Enforcados*; a erudição, em *Aquém da Atlântida*, *Luz e Pó* etc; o folclore, nas obras *Ao Som da Viola*, *O Sertão e o Mundo*, *Casa de Marimbondos*, *As Colunas do Templo*, *Através dos Folclores*; ao teatro nacional levou a sua contribuição com a peça *D. Pedro II* e com a tradução do *Fausto*, de Goethe; e à literatura de memórias, trouxe-nos as sugestivas obras *Consulado da China*, *Coração de Menino* e *Liceu do Ceará*.

A atividade literária do infatigável escritor estendeu-se ainda às literaturas didáticas e infantil, às traduções de numerosas obras estrangeiras, às finanças e à política. Como poeta, deu-nos mais recentemente *As Sete Vozes do Espírito*, que teve um prefácio de Olegário Mariano.

Em toda essa complexa obra a individualidade de Gustavo Barroso retrata-se com extrema fidelidade, seja no relevo do estilo, na segurança e firmeza dos conceitos e na arte da composição da frase seja no lastro da erudição que serve de alicerce a grande parte dela.

É de mister notar ainda que em todos os seus livros, bem assim nas crônicas publicadas em revistas e jornais e nas substanciosas e sugestivas conferências que há proferido, se percebe o intento íntimo de escrever obras para ficarem, e não páginas efêmeras para recreio de leitores eventuais.

Pena é que Gustavo Barroso haja florescido nesta fase de “apagada e vil tristeza”, característica da literatura brasileira contemporânea — talvez reflexo do apregoadado declínio da civilização do Ocidente (Spengler) ou da crise transitória da “cultura sensitiva” (Sorokin), manifesta em todo o âmbito do nosso País, com visível tendência para se agravar e generalizar cada vez mais.

A voz dos nossos raros prosadores e poetas está a perder-se no vazio deste deserto, onde domina a soberania do analfabetismo crônico, ainda mais nocivo do que o primeiro.

Nestas minhas palavras, em que não seria possível a expressão de um juízo crítico bem fundamentado, somente emitível por escritor idôneo e com a releitura metódica de todos os livros de Gustavo Barroso, deixo fixada apenas a impressão geral que me ficou da obra e da personalidade literária do magnífico polígrafo que tão fulgorantemente nobilita, não somente a intelectualidade do torrão natal, mas as letras brasileiras, que jamais possuíram escritor mais operoso e fecundo do que ele.

Gustavo Barroso agradecendo emocionado essas manifestações, pronunciou uma oração em que mostrou que a Amizade, para qualquer homem, é mais consoladora do que a glória e felicitou-se por ter, na idade que alcançou, a fortuna da amizade a rodeá-lo de carinho e admiração na terra onde nasceu.